

"O Rei de Ramos": uma combinação do mito de Romeu e Julieta com comédia musical genuinamente brasileira

Teatro

Guerra de majestades

Dias Gomes volta ao palco em boa companhia: Shakespeare, Chico Buarque, Paulo Gracindo. Juntos, falam de amor, poder e da força do dinheiro

Foram quase nove anos de ausência. Desde 1970, quando estreou "O Bem Amado", que Dias Gomes não tinha nenhuma peça nova montada no Rio de Janeiro. O REI DE RAMOS, que na semana passada reabriu o antigo Teatro João Caetano, na praça Tiradentes, depois de uma substancial reforma, é uma volta ambiciosa: dirigida por Flávio Rangel, com uma produção de 2,4 milhões de cruzeiros, a peça representa, antes de tudo, a tentativa de criar uma comédia musical genuinamente brasileira, tanto no conteúdo como na forma. A hábil construção dramática de Dias Gomes, seu sarcasmo e

a sólida base musical fornecida por Chico Buarque e Francis Hime respondem, na maior parte, pelo sucesso do projeto.

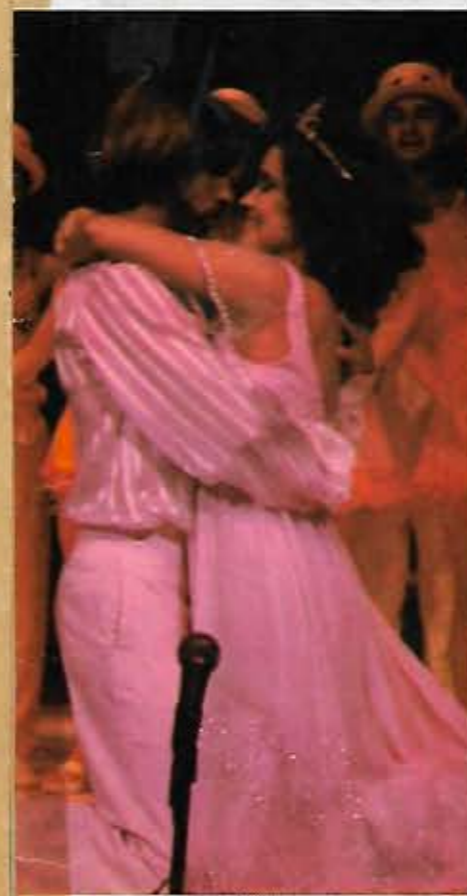
Não fica difícil encontrar na estrutura de "O Rei de Ramos" a mesma visão do mundo exposta no resto do teatro do autor — visão que, na medida do possível, Dias Gomes tentou introduzir no universo das telenovelas. Seu postulado básico é ideologicamente nítido: a organização econômica é o fator determinante do comportamento humano, na vida em sociedade. A novidade de "O Rei de Ramos" é que, ao ser apresentada na forma necessariamente simples

do musical, essa visão do mundo dá a impressão de um teorema matemático: claro e rigoroso — mas sem nuances.

PAIS E FILHOS — A peça, que pretende penetrar, com humor e descontração, no universo dos bicheiros da Zona Norte carioca, desdobra-se em três planos simultâneos que guardam, entre si, contudo, uma hierarquia de valores. Em primeiro lugar, temos uma pequena e convencional história de amor, paródia do "Romeu e Julieta" de Shakespeare. Ao contrário do original — e de outras versões modernas, como "West Side Story" —, a tragédia não se mani-



FOTOS CHICO NELSON

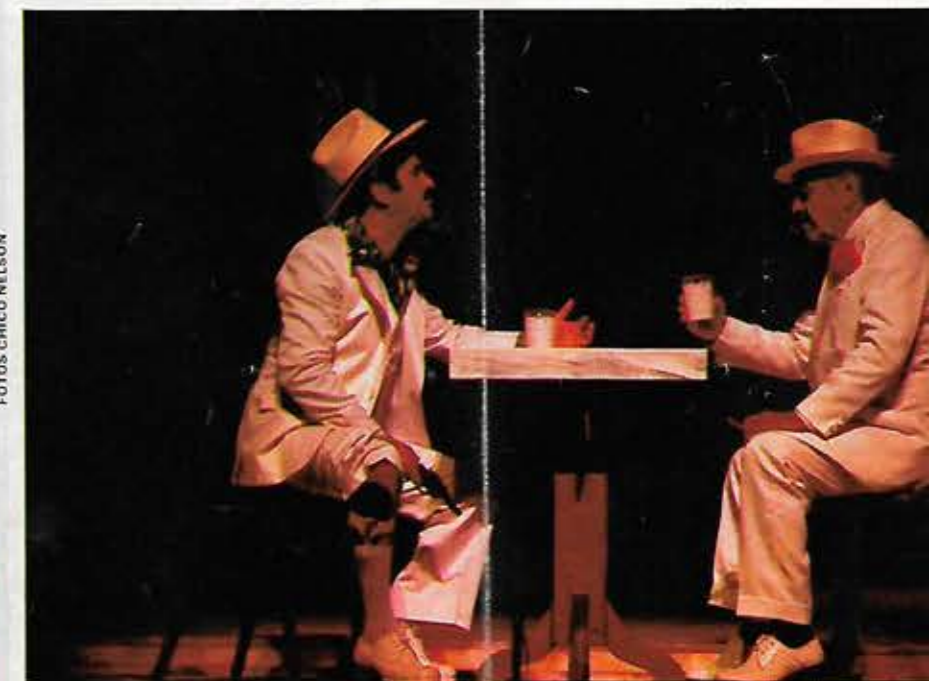


Márcio e Marília: um final feliz

festa. Nem o fator econômico chega a interferir diretamente nesse caso de amor, já que para o autor o envolvimento afetivo é um fenômeno estritamente superestrutural e, portanto, superficial. Taís (Marília Barbosa), filha do bicheiro Mirandão (Paulo Gracindo), e Marcos (Márcio Augusto), filho do bicheiro rival Brilhantina (Felipe Carone), se apaixonam. Se não fosse a luta entre os pais pela conquista dos pontos do jogo do bicho, o romance não teria problemas. Mas tem. E o destino dos dois jovens só é decidido no segundo plano estrutural da peça, no qual o elemento econômico revela seu poder de determinar o destino das pessoas.

do economia na Europa. Sua fala pa Taís, assegurando que não aconteceu com eles o mesmo que aconteceu com Romeu e Julieta, assinala o *turning point* fundamental da estrutura da peça. Na de Shakespeare, a tragédia de Romeu e Julieta deveria ser atribuída, simplesmente, à ausência de circunstâncias econômicas favoráveis. E a confraternização final de todos os bicheiros, no final de "O Rei de Ramos", é uma apoteose que proclama o fator econômico como o agente decisivo de todos os conflitos dramáticos.

O texto de Dias Gomes tem as qualidades de seu rigor — e, quase inevitavelmente, as limitações desse mesmo



Carone e Gracindo: em luta para dominar o jogo do bicho no Rio

O confronto entre Mirandão e Brilhantina, que lutam por dinheiro e poder, é o núcleo central da trama. Ele evidencia o caráter competitivo da organização econômica, permite engraçados esboços da psicologia dos bicheiros e, sobre o tablado, fornece espaço para um excitante desafio entre Gracindo e Carone, dois atores experientes e maduros que disputam, sem quartel, o domínio do espetáculo.

RIGOR OU EMOÇÃO? — A ameaça da estatização do jogo do bicho, através da Zooteca, estabelece o terceiro plano da estrutura da peça. Para enfrentá-la, os dois inimigos se unem num cartel de pretensões imediatas à expansão internacional. O responsável pela idéia salvadora é o jovem Marcos, que, significativamente, passou dez anos estudan-

gor, das quais a mais aguda é a escassez de paixão. Mesmo as emoções mais tradicionais da comédia musical — lirismo agudo mas acariciante, a alegria quase infantil mas exaltada ou a disposição otimista de ver a vida como um jogo sem perigos — são substituídas em "O Rei de Ramos", pelo sarcasmo e pela distância intelectual que lhes dá origem. Dessa maneira, a música é usada, no espetáculo, para fazer avançar a história, comentar os acontecimentos, enriquecer as mutações de cena, e não para enfatizar a emoção, como acontece sistematicamente na comédia musical americana, por exemplo.

APELO POPULAR — O que faz o diretor Flávio Rangel desse deboche cerebral, analítico e quase brechtiano? A